

A Festa dos Montes: música, conflito e confraternidade

Julieta Ferreira da Silva

INET-MD – Instituto de Etnomusicologia, centro de estudos em música e dança

Universidade de Aveiro / Portugal

julieta.f.silva@gmail.com

Resumo: Este estudo centra-se na Festa de São Brás dos Montes que se realiza anualmente no mês de Fevereiro no lugar dos Montes, no distrito da Guarda. Neste evento diversas “maltas” (grupos organizados de tocadores de bombos, caixas, flautas, acordeões e concertinas), oriundas de aldeias à volta da serra, entregam-se a um ritual marcado tanto pela tradição como pela reinvenção. A pesquisa assenta no trabalho de campo realizado junto de uma das “maltas”, ao longo de 2008, tendo acompanhado o processo de construção e arranjo dos membranofones e flautas. À luz das propostas de Victor Turner (2009), o estudo compreende o papel aglutinador do ritual em que, ano após ano, se repetem as mesmas práticas de excesso colectivo. Este estudo tem como objectivo dar a conhecer uma prática não documentada pela etnografia portuguesa e discutir o papel da música no processo de reactualização de tradições. Nesta prática, o conflito latente e a sua resolução no equilíbrio dos poderes que gera, pode ajudar-nos a entender a forma como estes homens se relacionam, dentro e fora do contexto do evento. A música permite integrar os processos de mudança e adapta-se aos tempos modernos globalizados, sendo este processo de adaptação essencial à sua própria sobrevivência.

Palavras-Chave: Música e Conflito; Música e Identidade; Ritual.

Abstract: This study focuses on the *Festa de São Brás dos Montes* held annually in February in Montes, in the Guarda District. In this event, several “maltas” (organized groups of players of drums, flutes and accordions), coming from villages around the mountain, take part in a ritual that is marked both by tradition and by reinvention. The research is based on fieldwork carried out near one of the “maltas, in 2008, having followed the construction and repair process of membranophones and flutes. In the light of the proposals of Victor Turner (2009), the study comprises the agglutinating role of ritual in which, year after year, are repeated the same collective excess practices. This study aims to inform a practice not documented by the portuguese ethnography and to discuss the role of music in the reactualization process of traditions. In this practice, the latent conflict and its resolution in the balance of power it generates, can help us understand how these men are related, within and outside the context of the event. The music allows to integrate the processes of change and adapts to modern and global time, where the process of adaptation is essential to its own survival.

Keywords: Music and Conflict; Music and Identity; Ritual.

A Festa do São Brás dos Montes ocorre todos os anos no primeiro domingo a seguir ao dia de São Brás (3 de Fevereiro), no lugar dos Montes, que fica na Serra do Pisco, no concelho de Trancoso e reúne grupos de pessoas que se organizam para participarem no evento. Esses grupos de peregrinos autodenominam-se de “maltas”. Este termo émico designa localmente o conjunto de habitantes de cada uma das aldeias vizinhas do lugar dos Montes (Miguel Chôco, Venda do Cepo, Rio de Moinhos, Vila Novinha e Carapito) que se organiza para participar na Festa. Tive conhecimento da Festa do São Brás dos Montes há onze anos, entusiasmada pelo meu marido – cuja família é oriunda de Miguel Chôco, uma das aldeias participantes no evento e onde hoje resido. Em 2002 assisti pela primeira vez a este ritual, tendo ficado absolutamente fascinada pela força e pela energia que emanavam de todo aquele espaço, no dia da Festa. Desenvolvi entre 2002 e 2008 trabalho de campo nas aldeias de Miguel Chôco, Rio de Moinhos, Vila Novinha e Carapito, tendo acompanhado o processo de organização e ensaio das “maltas” de Miguel Chôco e de Carapito e tendo participado nos processos de construção e preparação dos instrumentos destas duas aldeias. Ao longo desses seis anos, pude observar quatro manifestações do evento que se realizou no lugar dos Montes. Além das conversas informais que mantive com os participantes, realizei entrevistas e fiz pesquisa bibliográfica nos periódicos regionais e pesquisa arquivística no Arquivo Municipal de Trancoso. Esta pesquisa culminou com um estudo, que realizei no âmbito da disciplina de Seminário *Práticas musicais tradicionais em Portugal*, leccionada pela Prof^a. Rosário Pestana, inserida na Pós-Graduação em Estudos de Música Popular da FCSH-UNL. Este artigo centra-se numa parte dessa pesquisa que explora o papel da música e dos instrumentos musicais na constituição das “maltas”. Começo por fazer uma breve descrição da Festa que se realizou no dia 4 de Fevereiro de 2007 para, depois, me centrar no processo de preparação e participação da “malta” de Miguel Chôco. Às 10 horas da fria manhã de domingo, o lugar dos Montes estava desabitado. Poucos minutos depois, ouviu-se aproximar o som de bombos, flautas e vozes. Era a “malta” de Miguel Chôco a dar entrada na aldeia dos Montes, em direcção à capela. A “malta” é constituída por cerca de 30 pessoas, que chegam a tocar bombos, caixas, flautas, acordeões (cromáticos e diatónicos), ferrinhos, reque-reques e *cachanetas* (tréculas). Os elementos da “malta” que não tocavam instrumentos musicais fizeram-se acompanhar de uns varapaus compridos (localmente designados “mocas”), normalmente de carvalho, que arrancaram do chão juntamente com a raiz (que posteriormente esculpiram e/ou pintaram) e que naquele dia erguiam no ar dando “vivas”. Chegada à capela, após realizar três voltas em silêncio, irrompeu novamente a tocar e a cantar até ao ponto mais

alto da aldeia, onde está o cruzeiro do Senhor da Pedra (local associado a várias lendas locais). A partir daí iniciou a descida até ao “seu” lugar, um espaço na ladeira do monte que na véspera fora marcado com uma tabuleta que exhibe o nome da aldeia do respectivo agrupamento. Quando a “malta” de Miguel Chôco estava a terminar a sua performance, já a “malta” de Vila Novinha se fazia ouvir com os seus instrumentos e vozes. Este grupo vem por um caminho diferente: devo referir que cada “malta” entra na aldeia dos Montes por um caminho diferente, consoante vem do norte, do sul ou do leste, uma de cada vez, cumprindo uma ordem pré-estabelecida e fixa de uns anos para os outros. Assim como a “malta” anterior, depois de subir ao cruzeiro do Senhor da Pedra, a “malta” de Vila Novinha iniciou a descida do monte e instalou-se no “seu” lugar no espaço da Festa. Seguiram-se as “maltas” de Carapito, Venda do Cepo e de Rio de Moinhos. Depois de todas as “maltas” se terem instalado no espaço da Festa, os instrumentos musicais ficaram em descanso, empilhados num monte. É hora de missa. Depois da missa, o almoço será um momento de convívio essencialmente interno a cada “malta”, sendo poucos os casos de confraternização fora dela. E a jornada está quase acabada: após um período de descanso e confraternização, é hora das “maltas” repetirem a performance da entrada, mas agora em sentido inverso, já que estão de partida para as suas aldeias. São três horas da tarde.

A participação destas “maltas” na Festa começou dois meses antes. Durante esse período, os diferentes grupos procederam à preparação das “mocas”, à construção ou arranjo dos instrumentos musicais e ao ensaio da performance musical. Em 2003 e 2004, observei algumas sessões de construção e arranjo de bombos e caixas em Carapito e Miguel Chôco. Todos os anos, os instrumentos são renovados, reconstruídos ou até mesmo construídos de raiz. Os tocadores constroem os seus próprios instrumentos (bombos e caixas), ou pelo menos parte deles. Por exemplo, em Miguel Chôco, mandam fazer a caixa de ressonância cilíndrica no latoeiro, os parafusos no ferreiro e compram peles curtidas ou curtem-nas eles próprios. Depois, numa das sessões colectivas de preparação da Festa, juntam as diferentes partes: enrolam a pele a uma silva verde arqueada em círculo, que se prega à pele e que se ajusta aos bordos de cada topo do fuste. Depois colocam-se os aros em ferro, onde se enfiam os parafusos que vão de um aro ao outro. A tensão das peles (e conseqüentemente a afinação do bombo) é graduada pelo maior ou menor aperto dos parafusos que aproximam mais ou menos os arcos, os quais por sua vez, repuxam ou aliviam, por pressão, os arquilhos. Em Miguel Chôco procedem também a um tratamento anual das peles, um processo doloroso que consiste em esfregar alho e cera quente com as mãos, como forma de conservação.

Os meus interlocutores não expressaram nenhuma intenção em preservar os instrumentos ou em conservá-los para exibirem em museus. Os instrumentos têm a função de servirem para a performance anual e até é bem vista alguma deterioração accidental (se um tocador de bombo rasgar a pele durante a sua performance, esse facto vai ser referido durante o ano em conversas de café como algo valorativo, exemplo de força e vigor por parte desse tocador). Os instrumentos são arrumados no final da Festa e “voltam à vida” no ano seguinte. O carácter cíclico que daqui se destaca assegura, de alguma forma, a continuidade da Festa. Há uma inversão do tempo cronológico. A continuidade da vida diária contra o carácter cíclico da Festa. Um instrumento tem uma existência cíclica. Todos os anos, repetidamente, reaparece para cumprir a sua função dentro do ritual, mesmo que entretanto se tenha deteriorado, ele é renovado ou substituído. Aqui não é importante o instrumento como objecto, mas a função que ele desempenha no seio da “malta”: o importante é que haja instrumentos disponíveis em número suficiente para serem distribuídos pelos interessados. Cada “malta” tem o seu ritmo próprio no que respeita aos ensaios, relativamente à antecedência em relação ao evento, à sua duração, à sua regularidade, etc. Nas duas “maltas” observadas, os ensaios começaram num espaço fechado (nos dois casos um local público cedido para esse fim pela Junta de Freguesia), para depois terminarem na rua, onde faziam um pequeno percurso para simular o movimento que terão de fazer no dia da Festa. Apesar dos pontos de contacto e das semelhanças que possam existir, cada aldeia vive este momento de forma muito particular e participa de uma forma própria, que considera diferente em relação às outras. Sentimentos de pertença a este ou àquele grupo são facilmente intuídos quando as “maltas” erguem no ar as suas “mocas”, com a raiz virada para o céu, e bradam “vivas” a plenos pulmões.

Embora a Festa seja local de encontro, para onde os diversos grupos, oriundos de diferentes aldeias, convergem, cada “malta” vem até este lugar dos Montes representar-se a si própria e questões relacionadas com identidade e pertença estão presentes ao longo de todo o dia, em que o convívio é essencialmente interno a cada grupo. O conjunto de práticas associadas a este ritual é, assim, entendido de um ponto de vista identitário, pois cada grupo participante se identifica com o próprio sistema em que está incluído. Cada grupo reclama que a sua música é diferente das outras, que os seus instrumentos soam melhor que os das outras “maltas”, que a sua “malta” é a que leva mais gente quando, aparentemente, para um visitante descuidado, todos os grupos parecem compostos pelo mesmo conjunto instrumental e parecem todos tocar sensivelmente o mesmo.

Existe uma atitude competitiva não só entre “maltas” mas também no seio delas. Tocar bem e tocar determinados instrumentos confere prestígio. Quando uma “malta” chega aos Montes, toca para as pessoas que se encontram espalhadas pelo “terreiro” à volta da capela e pela encosta até ao cruzeiro. É interessante notar que o facto de uma “malta” possuir muitos instrumentos (nesta contabilidade, entram com maior coeficiente de ponderação os bombos e as caixas) é equivalente de poder. “Ninguém se mete com a malta de Carapito” por esta ser numerosa e incluir mais de vinte bombos e caixas. Os membros de cada “malta” estão muito atentos à performance das restantes “maltas”, como se de concorrentes se tratasse. Existe um grande prazer associado ao acto de conversar sobre este assunto e é certo que este será recorrente em numerosas conversas ao longo do ano. Todos os anos os seus protagonistas acreditam contribuir com alguma originalidade para a realização deste *todo* que é a Festa. Todos creem dar um contributo valioso, sendo o contributo do outro muitas vezes desvalorizado, como convém a uma lógica de competição, lógica esta que nos parece central para a compreensão deste ritual, na medida em que é a própria rivalidade que gera que assegura a motivação dos diversos grupos intervenientes e se torna garante de uma continuidade.

Cada aldeia está representada no local e age sempre em grupo, quase nunca se desligando. O essencial é que “toda a romaria constitui um ajuntamento, um encontro e um momento de vida em comum (...) e símbolo fugaz de fraternização” (Sanchis 1992: 40). Há no São Brás dos Montes uma vivência em comum que não é experimentada durante o decorrer do ano e apenas se revela na altura da Festa. A vivência quotidiana é individual ou concentrada em pequenos núcleos familiares. No dia da Festa, a família amplia-se a toda a população da aldeia (e aos que emigraram e vivem no estrangeiro e que nesse dia regressam). Há aqui uma ruptura em relação aos esquemas do quotidiano, uma migração das configurações habituais. Facilmente enquadrámos este ritual no âmbito do conceito de *liminaridade* de Victor Turner, segundo o qual existem áreas de espaço / tempo *liminares* em que há uma interrupção da vida rotineira, as regras e normas normalmente seguidas dão lugar a uma criatividade não regulada e, exactamente por isso, potencialmente transformadora (Turner 2009). É um rompimento com as formas tradicionais de representação do mundo. No estado *liminar*, dado o distanciamento simbólico da estrutura hierárquica da sociedade, aparece um segundo modelo que alterna com essa estrutura: um estado de comunidade ou comunhão, de indivíduos iguais, um estado que ele chama de *Communitas* (*Ibid.*). Para Turner, o ritual é um facto extraordinário e relevante para as configurações da vida em comunidade. Na Festa do

São Brás dos Montes, os protagonistas da acção saem do seu espaço quotidiano, das esferas das suas vivências rotineiras para, numa explosão patente nos gestos, na folia associada às festividades, nos excessos cometidos nesse dia (consumo de bebidas alcoólicas, performances vigorosas, por vezes, até à exaustão física ...), no estabelecimento de uma hierarquia que obedece a regras diferentes das da vida diária, vivenciam intensamente a experiência fugaz que lhes proporciona este ritual. Há nele um sentido de totalidade que se sobrepõe ao da individualidade da vida comum, num espaço / tempo que escapa à lógica dos dias comuns das comunidades envolvidas. A Festa mobiliza pessoas que se encontram a viver no estrangeiro e que, nesse dia, esforçam-se por estarem presentes na representação de uma comunidade com a qual não convivem senão neste preciso contexto. A comunidade deixa de ser representada apenas pelas pessoas que vivem durante todo o ano nas respectivas aldeias, para passar a contar com um conjunto alargado e díspar de pessoas. Ainda segundo Turner, este estado *liminar*, em que os protagonistas do ritual emigram das suas configurações habituais, vai transformar a sociedade aqui em foco. Este ritual vai devolver uma realidade social transformada pelas impressões que se gerarem no dia do evento, pois cada um ficará com as suas impressões e com um certo esquema mental de equilíbrio de forças entre as diversas “maltas” que o acompanhará todo o ano, pois quando estiverem juntos voltarão a falar desta festa e todas as informações são importantes porque a conversa precisa de factos e de números para se desenvolver. A Festa faz parte do esquema cultural destes homens, do seu quadro de sentido e referência, algo a que recorrem sistematicamente nas conversas de café durante o ano todo. Esta prática conjunta (ou disjunta, já que as identidades estão fortemente marcadas em todo o processo) ajuda a desenhar um esquema de relacionamento entre pessoas de diferentes aldeias. É um elo de ligação tanto quanto de separação.

Referências

- Sanchis, Pierre. 1992. *Arraial: Festa de um Povo. As Romarias Portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Turner, Victor. 2009 [1969]. *The Ritual Process Structure and Anti-Structure*. New Brunswick and London: Adine Transaction.